

AS FORMAS PROGRESSIVAS DO PORTUGUÊS

Rodolfo Ilari

Ivonne Mantoanelli

Unicamp

1. Este artigo propõe uma análise semântica das construções progressivas do Português, tipificadas pela perífrase ESTAR + GERÚNDIO (daqui para a frente, "Estar-NDO"), tal como ocorre em:

- (1) Maria está fritando bolinhos.
- (2) O senhor não sabe com quem está falando.
- (3) Quando o encontrei, estava trabalhando na Bosch.

Supomos que a análise de *Estar-NDO* deva contribuir de maneira significativa para a compreensão do papel semântico do auxiliar *Estar* em outros empregos ou construções em que intervêm em português: alguns desses empregos são evidentemente próximos dos de *estar-NDO*, cp.

- (4) Maria está a fritar bolinhos.
- (5) Maria está de cozinheira.
- (6) Maria está de/com nenê novo.
- (7) Eles estão de malas prontas / de viagem.

outras perífrases mantêm com *estar-NDO* relações menos evidentes, do ponto de vista sintático ou semântico: é o caso, especialmente, das construções em que *estar* aparece ao lado de um particípio passado ou de um adjetivo, cp.

- (8) Quando o encontrei, estava empregado na Bosch e ganhando bem.
- (9) Quando telefonei, a mercadoria já estava entregue.
- (10) Quando levei ao mecânico, a bateria já estava seca / estragada / imprestável.

2. Na bibliografia relativamente numerosa sobre progressivos do Inglês,

e na bibliografia comparativamente mais pobre sobre progressivos do Português uma questão que recebe atenção privilegiada é a da distribuição de *be-ing* ou de *estar-ndo*.<sup>1</sup> Propõe-se geralmente como objetivo o levantamento dos lexemas verbais que podem intervir em construções progressivas, com base em duas suposições: a) que os verbos passíveis de ser conjugados em forma progressiva compartilham alguma propriedade (por exemplo: a de serem agentivos, ou de expressarem uma ação ou um estado de coisas sobre os quais o indivíduo ao qual a expressão-sujeito faz referência tem controle); b) que a característica em questão é *lexical*, ou seja: distingue o verbo em relação a outros, e se mantém constante em todas as ocorrências do morfema verbal. A maneira típica de registrar essa categorização consiste em aplicar aos verbos traços de subcategorização; a natureza sintática ou semântica desses traços é às vezes debatida.

2.1. Esse enfoque parece-nos substancialmente correto, mas insuficiente. A análise de fatos do Português mostra que as bases verbais que ocorrem com *estar-NDO* não são exatamente as mesmas conforme o tempo do auxiliar; mais exatamente: há bases verbais que são compatíveis com certos tempos de *estar-NDO* e não com outros, como se pode ver pelos exemplos:

- (11) Você está sendo um idiota.
- (12) Você esteve sendo um idiota. (ruim)
- (13) O alpinista está alcançando o topo do monte.
- (14) O alpinista esteve alcançando o topo do monte. (ruim)
- (15) O menino da pipa esteve morrendo eletrocutado. (ruim)
- (16) O menino da pipa está morrendo eletrocutado.

Feita essa constatação, parece óbvio que, ao investigar a distribuição de *estar-NDO* se proceda não a um único inventário de bases verbais compatíveis, mas a uma série de inventários parciais, correspondentes aos tempos e formas de conjugação do auxiliar.

É o que faremos a seguir: os próximos parágrafos são dedicados aos vários tempos do indicativo (presente, imperfeito, perfeito simples, passado composto, mais-que perfeito); deixamos para outra ocasião o tratamento dos tempos do subjuntivo; quanto ao imperativo, o inventário é dispensável na medida em que o imperativo não co-ocorre nunca com a construção *estar-NDO*, cp. (17) e (18); (19)-(20) são verossimilmente formas de subjuntivo.

- (17) Está correndo (= tu)
- (18) Está trabalhando quando eu chegar ou serás despedido.
- (19) Esteja trabalhando quando eu chegar ou...
- (20) Estejamos sempre esperando por dias melhores.

2.2. Também a tese de que a compatibilidade das formas verbais com a perífrase do progressivo é uma característica lexical exige qualificações. A bibliografia sobre semântica dos verbos registra numerosos exemplos de características de

conteúdo que parecem à primeira vista intrínsecas ao lexema verbal, e se revelam a seguir contingentes a certos contextos (geralmente os contextos sintáticos mais simples) em que os próprios lexemas são empregados.

Vendler (1967) é um caso conhecido e muito instrutivo. Como se sabe, Vendler classifica os verbos do Inglês com base nos contextos sintáticos em que podem intervir e nas inferências permitidas pelas frases que os contêm: uma primeira grande distinção resulta do fato de que alguns verbos (por exemplo *write*, *run*, *push*) se conjugam alternativamente em forma simples ou progressiva, ao passo que outros (como *know* ou *love*) só têm forma simples. Vendler reparte por sua vez os verbos que se conjugam em forma progressiva em duas classes, conforme aceitam perguntas da forma "How long did it take to..." ou "For how long did..." (cp. "How long did it take to <sup>+</sup>push a cart/ draw a circle?" e "For how long did he <sup>+</sup>draw a circle / push a cart?"); a compatibilidade com os dois tipos de perguntas revela, segundo Vendler, a existência de dois esquemas temporais distintos a que as ações correspondentes estariam sujeitas; Vendler fixa a distinção aplicando ao primeiro caso o termo "accomplishments" (para predicados como *draw a circle* ou *write a letter*) e ao segundo o termo 'activities' (para predicados como 'run' ou 'push a cart'). Quanto aos verbos que não possuem formas progressivas, eles admitem também uma classificação baseada em diferenças de esquema temporal: alguns, como *love* ou *believe* correspondem à pergunta "for how long...?"; para outros, como *reach the top* ou *spot the plane* a única pergunta admissível é "at what time...?"; essa diferença nos complementos de tempo associados deve-se ao fato de que *love* e *believe* valem por um período, ao passo que *reach the top* e *spot the plane* são válidos para um momento. Vendler fixa a distinção aplicando o nome de 'state' à categoria exemplificada por *love*, e de 'achievement' à categoria exemplificada por *reach the top*.

A distinção entre 'activities', 'states', 'accomplishments' e 'achievements' é construída por Vendler com base em testes que deveriam pôr à mostra algumas diferenças cruciais nos "esquemas temporais" associados aos diferentes processos expressos pelos verbos do Inglês. Surge, por isso, de início, como uma distinção tipicamente lexical. Todavia, o próprio Vendler chama a atenção para o fato de que a classificação de um verbo nos quatro grupos pode alterar-se desde que ocorram modificações no predicado da frase, por exemplo o acréscimo de adjuntos ou a alteração das características quantificacionais do SN objeto. E é fácil ver que, embora *run* valha por uma 'activity' em frases onde constitui a única expressão do predicado, cp.

(21) The children are running.

contribui respectivamente para a expressão de um 'accomplishment'; de um 'achievement' ou de um 'state' nas frases (22), (23) e (24), graças às alterações introduzidas no predicado:

(22) The athletes are running the marathon.

(23) It took almost 20 months of intensive training for Mr. W.Kutz to run the marathon in 130 min.

(24) Mr.W. Kutz ran the marathon for Poland from 1947 to 1955.

Analogamente, a classificação de write alterar-se-ia de (25) para (26) e (26a)

(25) Write a letter, a poem

(26) Write poems

(26a) Write three poems per week.

A discussão de Vendler sobre processos e esquemas temporais não é por si só suficiente para explicar a distribuição da perífrase *estar-NDO*; mas fornece um exemplo bastante expressivo de propriedades verossimilmente lexicais (isto é, supostamente válidas para o verbo em todas as suas formas e ocorrências) que de fato se alteram em condições contextuais apropriadas: a lição a tirar é que a classificação de Vendler precisa aplicar-se não aos verbos como unidades lexicais, mas a predicados, dos quais os verbos constituem uma parte importante mas não única.

É fácil constatar que um fenômeno análogo ocorre com os progressivos : assim, *ficar*, inaceitável na oração (27)

(27)\* Pedro está ficando em casa (neste momento)

torna-se aceitável em (28), graças à presença de um adjunto que estabelece um contexto reiterativo:

(28)\* Pedro está ficando em casa à noite.

Também certos predicados nominais construídos com ser, normalmente inaceitáveis na forma progressiva, tornam-se possíveis tão logo se acrescente (ou se subentenda) um complemento relativo introduzido por *para*:

(29)\* Esta piscina está sendo pequena

(30) Está piscina está sendo pequena para abrigar os peixes que as equipes de salvamento estão trazendo do rio Jaguari.

Tanto nos casos estudados por Vendler, como nos exemplos que se acaba de propor, modificações que ocorrem no predicado levam a caracterizar o mesmo verbo de maneiras distintas. Isto põe antes de mais nada um problema lexicológico: deve o dicionário apresentar duas entradas lexicais - como é óbvio acontecer nos casos claros de polissemia ou homonímia - ou deve limitar-se a registrar um dos sentidos do verbo, encarado como mais básico, transferindo-se para a gramática da língua a tarefa de derivar os outros? Pensamos que esta última posição é a mais interessante, porque evita inflacionar o léxico e faz justiça à intuição de que as alterações que afetam o

sentido e a distribuição por efeito do acréscimo de adjuntos ou de alterações na quantificação são sistemáticas.

Ao adotar essa posição, comprometemo-nos a inventariar as construções que operam sobre o valor básico de um verbo; nesta investigação sobre formas progressivas, seria legítimo exigir que oferecêssemos mais exatamente um inventário das construções que operam sobre verbos, afetando sua capacidade de empregar-se na forma progressiva, ou que alteram sua interpretação quando empregado nessa forma. Ora, as formações que podemos oferecer sobre essa questão são reconhecidamente poucas: provavelmente, além dos processos exemplificados por (27)-(28) e (29)-(30), o que há de mais importante a registrar é o fato de que quase todos os verbos do Português podem dar origem a predicados em que se exprime reiteração e, pela reiteração de um evento ou situação, se caracteriza um período: a estes predicados podemos, segundo a definição de Comrie, chamar de "habituais". Como a perífrase progressiva pode aplicar-se tanto a verbos que foram construídos anteriormente como habituais quanto a verbos que exprimem uma única realização, obtemos dois tipos de progressivos: "habituais" e "semelfactivos", cp. os exemplos a seguir:

	habitual		progressivo	
"alcançar o topo" (31)	→	(a)	os alpinista estão alcançando o topo	
	→	(b)	os alpinistas mais experimentados alcançam o topo em 3 horas, pelo lado sul.	
		→	(c)	os alpinistas mais experimentados estão alcançando o topo em 3 horas, pelo lado sul.
"tomar um café" (32)	→	(a)	Pedro está tomando um café	
	→	(b)	Pedro toma um café após cada refeição	
		→	(c)	Pedro está tomando um café após cada refeição
"gostar de viajar pela Varig" (33)	→	(a)	Estou gostando de viajar pela Varig	
	→	(b)	Gosto de viajar pela Varig toda vez que vou à Europa.	
		→	(c)	Ultimamente estou gostando de viajar pela Varig
"ficar em casa" (34)	→	(a)	---	
	→	(b)	Fico sempre em casa à noite	
		→	(c)	Ultimamente estou ficando em casa à noite
"empurrar o carro" (35)	→	(a)	estou empurrando o carro	
	→	(b)	Empurro o carro toda manhã desde que tenho 10 anos.	
		→	(c)	Estou empurrando o carro toda manhã desde que acabou a bateria

2.3. Há interesse em começar nosso exame das restrições de co-ocorrência de *estar-NDO* pelo presente e imperfeito; com efeito, até onde nos foi possível verificar, de todas as formas conjugadas que *estar-NDO* pode assumir essas são as que sofrem as restrições mais brandas. Qualquer verbo que ocorre com *estar-NDO* em outros tempos, ocorre também com *estar-NDO* no presente e imperfeito, ao passo que as restrições próprias desses dois tempos se estendem a todos os demais. Por isso trataremos primeiro desses dois tempos, e comentaremos em seguida as restrições de cada um dos demais:

As principais restrições para *estar-NDO* no presente e imperfeito são exemplificadas por (36)-(39) e (40)-(44):

- (36) O plantão de vacinações está atendendo à rua X .
- (37)<sup>+</sup>O plantão de vacinações está ficando na rua Y .
- (38) Um novo plantão de vacinações está sendo aberto na rua Y .
- (39)<sup>+</sup>Um novo plantão de vacinações está-se achando na rua Y .
- (40) A piscina está sendo útil .
- (41)<sup>+</sup>A piscina está sendo olímpica .
- (42)<sup>+</sup>A piscina está sendo pequena .
- (43)<sup>+</sup>A piscina está sendo azulejada (exceto como forma passiva de "Estão azulejando a piscina")
- (44) Você está sendo um idiota .

(36)-(39) mostram que *estar-NDO* é incompatível com *ficar* e suas variações (por exemplo: *permanecer*, *conter*, *achar-se*, *continuar* e outros verbos que indicam localização espacial); (40)-(44) mostram que a construção no presente progressivo do verbo *ser* é ou não gramatical dependendo do adjetivo que acompanha: uma classe de adjetivos, aqui exemplificada por *útil* e *idiota*, e que podemos chamar para facilidade de exposição de Classe-1 compõem com *ser* e *estar-NDO* construções aceitáveis; adjetivos como *olímpica*, *pequena* e *azulejada*, referidos aqui apenas como representantes de uma outra classe (chamemo-la Classe-2), são responsáveis pela inaceitabilidade de *ser* na construção progressiva.

Muitas observações já foram feitas na bibliografia a respeito do uso de *ser* em construções progressivas. Um dos principais temas de um artigo ainda não publicado de John Schmitz é a possibilidade de apontar um traço semântico compartilhado por todos os adjetivos que chamei aqui de "classe-1": John Schmitz resenha e avalia nesse sentido várias hipóteses, tiradas de vários trabalhos anteriores sobre o Inglês e o Português:

- (a) Hipótese de Lakoff (1970, 121) segundo a qual os verbos e adjetivos podem ser subcategorizados quanto ao traço  $\pm$ ESTATIVO, que governaria a co-ocorrência com o progressivo;
- (b) Hipótese de Ljung (1975, 135) segundo a qual o traço relevante é  $\pm$ CONTROLE pelo que se pode depreender do texto de Schmitz, "CONTROLE" quer dizer que



o sujeito da frase tem domínio sobre a ação ou processo em que está envolvido (ver p.6 da versão datilografada).

Schmitz considera também algumas hipóteses que têm alcance mais geral, no sentido de que se referem não só a predicados nominais, mas procuram abranger também predicados verbais construídos com verbos como *look*, *see*, *know* etc.; sugere que essas hipóteses, eventualmente elaboradas, poderiam contribuir para trazer à tona o traço comum a toda a classe-1 de adjetivos: uma dessas hipóteses, devida a Leech (1971:23) recorre as categorias de atividade e inércia;

- (c) Predicados que envolvem atividade (como *look*) seriam compatíveis com a construção progressiva; predicados que envolvem inércia (como *see*) seriam incompatíveis.

Algumas dessas hipóteses são claramente insuficientes: porque são em última análise circulares (por exemplo, a de Lakoff, que não vai além de fornecer uma etiqueta distinta para o que chamamos aqui de Classe-1/Classe-2), ou porque, à falta de uma definição independente e lingüisticamente justificada dos conceitos que utilizam (por exemplo "controle", "atividade e inércia" em (b) e (c)), acabam sendo inverificáveis. Mas é forçoso reconhecer que não temos coisas muito melhores para propor: mostraremos adiante uma linha de explicação que nos parece promissora, mas que não será elaborada muito além do nível do esboço.

Outro tema que tem recebido atenção na bibliografia (e que se reflete de certo modo no trabalho de Schmitz) é a procura de um mecanismo sintático adequado para evitar o engendramento de construções agramaticais como (41)-(43). As construções agramaticais são às vezes consideradas em conexão com as duas outras alternativas disponíveis em Português para a construção de predicados nominais: 1) construção com a forma simples de *estar*; 2) construção com a forma simples de *ser*, cp. (45)-(48):

(45) A Dinamarca é pequena

(46) (Você precisa refazer esse mapa!) A África está muito pequena!

Olhe: está menor do que a Índia.

(47) (Essa casa não me interessa!) É pequena demais para minha família.

(48) (Nossa família cresceu muito desde que mudamos para cá). Agora, a casa está pequena para nós.

Considerando esses exemplos, e tentando justificar a agramaticalidade de (49)-(50):

(49)<sup>+</sup> A Dinamarca está sendo pequena no mapa que você fez

(50)<sup>+</sup> (Não me interessa alugar essa casa) Ela está sendo pequena demais.

poderia parecer suficiente um recurso sintático que bloqueasse o engendramento de frases em que ocorreriam *estar+ser+ndo+adj. da Classe-2*, ou conforme a teoria sintática adotada, que transformasse obrigatoriamente frases com essas características em frases com *estar* em forma simples.

A principal razão para não pensar as frases em questão como um problema meramente sintático é que essas frases podem, de fato, ocorrer, ainda que seu emprego seja provavelmente mais raro: a aceitabilidade de orações com *estar-NDO+predica do nominal* construído com adjetivo da classe 2 tem um correlato sintático na presença ou ausência de certos adjuntos, cp.

- (51) a. <sup>+</sup>A piscina está pequena
- b. <sup>+</sup>A piscina está sendo pequena
- c. A piscina é pequena
- (52) a. A piscina está pequena em seu desenho
- b. <sup>+</sup>A piscina está sendo pequena em seu desenho
- c. A piscina é pequena em seu desenho
- (53) a. Esta casa está pequena para nós
- b. Esta casa está sendo pequena para nós
- c. Esta casa é pequena para nós
- (54) a. A piscina está pequena para abrigar os peixes que as equipes de salvamento estão trazendo do córrego da Água Fria
- b. A piscina está sendo pequena para abrigar os peixes...
- c. A piscina é pequena para ...
- (55) a. Esta casa está pequena
- b. <sup>+</sup>Esta casa está sendo pequena (sem informações subentendidas)
- c. Esta casa é pequena

Pensamos que os adjuntos *para abrigar os peixes...*, e *para nós*, que são responsáveis pela gramaticalidade de (53) e (54) poderiam faltar, desde que as informações correspondentes fossem supridas pela situação, ou pelo co-texto anterior; ao invés de tentar delimitar sintaticamente essa classe de adjuntos pensamos, pois, que deveríamos tentar compreender melhor a função semântica que exercem. Mais adiante, avançaremos uma hipótese pela qual pretendemos dar conta, simultaneamente, do papel dos adjuntos e das restrições exemplificadas em (51)-(55).

Vimos que, para prever quando é aceitável uma perífrase progressiva no presente, aplicada a um predicado nominal construído com *ser* se torna necessário categorizar os nomes (adjetivos e substantivos) que ocorrem no predicado. Para uma classe de nomes (que chamamos aqui de Classe-1) a perífrase é aceitável.

A idéia de que o perfeito de *estar-NDO* sofre restrições maiores encontra confirmação no fato de que *nenhum* predicado nominal *ser + adj./subst.* se usa com o perfeito na forma progressiva:



- (56) a. <sup>+</sup>Você esteve sendo um idiota
- b. <sup>+</sup>A casa (já) esteve sendo pequena para nós
- c. <sup>+</sup>A piscina esteve sendo pequena para abrigar os peixes trazidos pelas equipes de salvamento

Hã também restrições quanto aos predicados "verbais". Assim, ao passo que são aceitãveis perífrases no perfeito com verbos de "activity", cp.

- (57) Estive pensando em pedir um empréstimo
- (58) A equipe do sindicato esteve examinando os preços dos gêneros de primeira necessidade
- (59) Os atletas da equipe mirim estiveram correndo os 110 metros com obstáculos.

predicados de achievement como (60)-(62) soam pelo menos estranhos:

- (60) <sup>+</sup>O alpinista esteve alcançando o topo
- (61) <sup>+</sup>O detetive esteve descobrindo a identidade do criminoso
- (62) <sup>+</sup>A visita esteve chegando

Parece ser uma contra-prova de que a restrição atinge especificamente predicados de achievement o fato de que em contextos onde os verbos *descobrir*, *chegar* e *alcançar* perdem suas características de "achievement", por exemplo porque intervieram modificações na quantificação, transformando-as em activities, a perífrase progressiva no perfeito ẽ possível:

- (63) Alpinistas estiveram alcançando o refúgio durante toda a tarde
- (64) A censura esteve descobrindo publicações subversivas na biblioteca do engeneiro
- (65) Visitas estiveram chegando para o congresso durante toda a semana.

Com verbos de accomplishment, o quadro de co-ocorrências ẽ substancialmente análogo, cp.

- (66) <sup>+</sup>Dionélio esteve escrevendo "A mão de gesso"
- (67) Dionélio esteve escrevendo um romance histórico / romances
- (68) <sup>+</sup>O professor esteve planejando a aula de amanhã
- (69) O professor esteve planejando aulas para o próximo semestre

2.4. Procuremos resumir em poucas linhas os principais resultados desta seccão. Propusemo-nos inicialmente levantar os casos em que a co-ocorrência da perífrase *estar-ND0* com bases verbais dá origem a frases agramaticais. Esse levantamento fez aparecer algumas tendências determinantes em relação à metodologia indicada e

apontou algumas restrições cuja explicação fica como problema em aberto.

Tendências a levar em consideração na escolha de uma metodologia apropriada:

I - A distribuição não se explica se for concebida apenas como o emparelhamento da perífrase *estar-NDO*, de um lado, com diferentes bases verbais de outro ; cabe ao contrário considerar um ambiente mais complexo, resultante da interação de quatro fatores:

1.	2.	3.	4.
Perífrase	Tempo verbal	Propriedades lexi	Quantificadores
estar+NDO	em que ocorre	cais do verbo	e adjuntos do
	a perífrase	(categoria lexical	predicado
		a que pertence o	
		verbo)	

II - Os fatores exemplificados em 4. atuam sobre a categorização a que o verbo estaria sujeito se empregado isoladamente. Por isso, 3. e 4. podem ser encarados como formando, por processos regulares, unidades complexas (predicados) passíveis de categorização

III - O elemento 4. não é necessariamente segmental, podendo ser suprimido (em condições a precisar) pela situação de fala.

Principais restrições de distribuição, cujo enquadramento numa teoria mais geral dos valores do progressivo permanece como problema em aberto:

- (70) Inexistência de imperativos em forma progressiva
- (71) Incompatibilidade do progressivo, no presente, com verbos de permanência;
- (72) Incompatibilidade do presente progressivo com *ser* e adjetivos da classe-2;
- (73) Impossibilidade do progressivo, no perfeito, com predicados "nominais".

Procuraremos referir (70 - 73) às características semânticas mais gerais do progressivo.

3. Para o objetivo proposto no início deste artigo, o simples exame da distribuição das perífrases de progressivo obviamente não basta. Outros dados, eventualmente mais expressivos podem ser derivados do exame dos contextos em que a forma simples e a progressiva são igualmente gramaticais, mas com diferenças de uso ou de sentido.

A distinção entre os casos em que a substituição de uma forma pela outra faz aparecer uma frase inaceitável na situação, como em

- (74) Q Gen. Milton um liberal? Você + está brincando!  
brinca!

e os casos em que a alternância recobre apenas uma diferença de sentido, cp.

- (75) Esses trejeitos esquisitos do João Gilberto são porque  
ele coloca a voz segundo o método que aprendeu nos EUA.  
está colocando

é reconhecidamente precária. Vamos contudo utilizá-la, sem maiores compromissos, para introduzir uma ordem numa série de observações reconhecidamente desconexas:

3.1. O progressivo aparece como exigência contextual, em alguns usos no presente:

(a) Considerem-se inicialmente os diálogos abaixo:

(76)-O José Teixeira está sendo indicado para a chefia.

-Quem? O José Teixeira? *Você está brincando!*

(77)-Não me interessa tanto assim alugar uma casa neste bairro.

-Quer dizer que o senhor não vai mais alugar? O senhor já deu o sinal, e eu não vou poder devolver.

-Espere, *você está-me entendendo mal*

(78)-Quero pagar o livro que você me mandou.

-*Você está-me ofendendo!* O livro é um presente!

Um elemento comum aos três empregos acima, certamente extensível a outros, como *você está ficando louco!*, *estou falando sério!*, *não estou brincando!*, *você está-me provocando, assustando, comprometendo!*, é a possível alternância com o imperativo negativo (*não brinque, não me entenda mal etc.*); a forma simples do presente, que não alterna normalmente com o progressivo torna-se aceitável em alguns casos com um *assim* (*assim o senhor me ofende, assusta, compromete*).

A possível alternância com os imperativos e com a forma simples prece dita por *assim* parece confirmar que todas as frases acima servem para qualificar a afirmação prévia do interlocutor ou do próprio locutor. Em outras palavras, essas construções têm muito a ver com o diálogo, onde desempenham um papel que poderia ser qualificado de *regulatório ou interpessoal*, no sentido de Halliday, ou, quem sabe, um papel de *negociação*. Em oposição às formas simples do presente, fazem afirmações cuja validade se restringe às réplicas mais próximas do mesmo diálogo. Para pôr à mostra seu papel interpessoal e de negociação, é interessante opô-las a outras formas, por exemplo as do passado: o uso do passado simples, por exemplo em (78) serviria ao locutor para marcar uma ruptura, um estremecimento de relações; ao contrário, o uso do presente perifrástico, ao mesmo tempo que aventa a possibilidade do estremecimento, serve de fato para descartá-la.

(b) Os verbos *prevenir*, *advertir* e *avisar*, quando utilizados para qualificar um ato de fala anterior, explicitando qual seja sua força ilocucionária, são se

empregam no presente progressivo, cp.

(79) A firma com que você quer negociar não presta, estou-lhe prevenindo  
(?) eu lhe previno.

(80) Afaste-se de minha irmã. Estou-lhe avisando  
(?) Eu lhe aviso

Provavelmente, o presente simples é mais aceitável quando inicia o ato de fala em questão; assim, para alguns informantes que consultamos

(81) Eu te previno: a firma com quem você quer negociar não presta.

(82) Eu o advirto: não admitirei que interfira em minha vida familiar.

seriam mais facilmente aceitáveis do que frases análogas com *prevenir* e *advertir* no progressivo. Se essa impressão for confirmada, é possível que o presente simples e o presente progressivo assumam respectivamente, nos contextos em questão, um papel catáforico (ou seja, segundo a definição de Halliday-Hasan, assumem um sentido completo por referência ao que segue) ou anafórico (assumem um sentido por referência ao que precede no discurso). Note-se, a esse propósito, que o presente progressivo é usado para fazer referência ao que precede, e o presente simples ao que deverá seguir, em

(83) Eu tomei álcool no horário de serviço? Não sei do que você  
está falando  
(?) fala.

(84) Qualquer contradição pode sair muito cara para você. Veja bem o que  
você fala  
(?) você está falando.

3.2. Quando se analisam os contextos em que o presente simples e o presente progressivo alternam, o que primeiro impressiona é a variedade de valores da forma simples, que contrasta com um número bem mais limitado de valores da forma progressiva. Assim,

(85) A polícia quase descobre nossas ligações com a máfia

apresenta-nos um caso de presente "histórico", enquanto (86) e (87)

(86) Peça para aguardar um momento. Eu ainda/já falo com os representantes

(87) Está bem! Ninguém me quer aqui. Mas eu mudo!

apresentam casos de "presente-futuro". Ao contrário, (88), (89) e (90) mostram como o presente progressivo garante em todos esses contextos uma interpretação presente, isto é, de simultaneidade com o momento de fala:

- (88) A polícia está quase descobrindo nossas ligações com a máfia
- (89) Peça para aguardar um momento. Eu ainda / já estou falando com os representantes.
- (90) Está bem! Ninguém me quer aqui! Mas eu estou me mudando!

Cabe aqui uma outra observação: em frases coordenadas com verbo no presente simples, as ações indicadas pelos dois verbos podem ser interpretadas não só como simultâneas, mas também como sucessivas, ao passo que o uso do progressivo restringe o leque das interpretações ao caso de simultaneidade: note-se que, em (91), o moleque em questão poderia derrubar o vaso a título de vingança, precisamente por ter sido tratado de peste, interpretação que fica excluída em (92):

- (91) Faço que esse moleque é uma peste, e ele me derruba o vaso de samambaias na cabeça.
- (92) Estou falando que esse moleque é uma peste, e ele me derruba o vaso de samambaias na cabeça.

Considere-se ainda:

- (93) A reunião é na sala 12
- (94) A reunião está sendo na sala 12
- (95) A reunião é agora
- (96) A reunião está sendo agora

Os informantes que consultamos a propósito dessas frases entenderam sem exceção que (93) e (95) são normalmente pronunciadas antes do início da reunião em questão, e que, ao contrário, (94) e (96) indicam que a reunião já começou. Para tornar mais sensível a oposição, pense-se que no caso extremo em que a reunião em questão é tal que não se toleram atrasos, por exemplo: uma reunião para a decisão sobre uma concorrência, (96), dirigida ao representante de uma firma concorrente que acaba de chegar significati "O senhor está desqualificado"; e que ao contrário (95) significaria "Faltou pouco para o senhor ser desqualificado, mas o senhor ainda está em tempo".

O elemento comum às três séries de exemplos é que o progressivo marca simultaneidade com um momento de referência - quer seja esse momento o próprio momento de fala, como em (88)-(90), quer seja suprido contextualmente por orações contíguas, como em (92). Seja qual for a explicação que se propõe para o fenômeno<sup>2</sup>, parece legítimo admitir que os falantes recorram ao presente simples toda vez que pretendem expressar valores não-simultâneos. Em outras palavras, a escolha entre o presente simples e o progressivo pode ser motivada por objetivos temporais, entendendo-se 'temporal' no sentido estrito em que exprime uma relação cronológica entre momento de fala, momento de referência e momento de evento, segundo a conhecida tradição que remonta a Hans Reichenbach. Pensamos todavia que uma análise do progressivo deve dirigir-se de preferência aos seus valores *aspectuais* - lembre-se que a categoria de aspecto tem a

ver com diferentes maneiras de destacar fases num mesmo processo, e que há sempre certa probabilidade de serem aspectuais ou modais diferenças de interpretação que dizem respeito a tempos com características temporais idênticas. As diferenças tipicamente aspectuais são dedicadas às observações que seguem.

(a) Uma série de frases em que a alternância das formas simples e progressivas aparece associada a questões de aspecto é exemplificada por

(97) Você está sendo besta (bobo, imprudente, descuidado, etc.)

(98) Você é besta (bobo, imprudente, descuidado, etc.)

Uma primeira observação mostra que somente frases como (98) exprimem insulto: faz parte das estratégias usadas para insultar que se apresente como permanente - daí o uso da forma simples - a qualidade negativa que se predica do indivíduo que se quer insultar.

Afastada a hipótese do insulto, formas como (97) revelam-se apropriadas para uma apreciação, não exatamente do indivíduo que é referente do sujeito da oração, mas desse indivíduo enquanto envolvido em determinadas situações, em que figura como "responsável". Entendemos, com efeito, que as condições apropriadas para o uso de frases como (97) ficam adequadamente caracterizadas em diálogos como (99), com uma confirmação na inaceitabilidade de (100):

(99) a. A: Apanhei uma gripe por ter dormido com a janela aberta.

B: Você está sendo muito descuidado.

(100) a. A: Fui atingido pela queda inesperada de um meteorito.

B: Você está sendo muito descuidado.

(99) b. A: Bateram-me a carteira.

B: Você está sendo muito descuidado.

(100) b. A: Eu estava por acaso em Los Angeles quando ocorreu o primeiro terremoto.

B: Você está sendo muito descuidado.

(99) . A: Aceitei a incumbência de sobrescritar os envelopes para a sociedade de filólogos amadores.

B: Você está sendo bobo.

(100) c. A: Entreguei a carteira ao assaltante, sob ameaça de um Smith & Wesson 38.

B: Você está sendo bobo.

Note-se que as réplicas sucessivas dos diálogos aceitáveis contêm expressões que fazem referência a um mesmo indivíduo, que é ora objeto de apreciação, ora participante de uma ação; contingente à ação, a apreciação está sujeita a ser suspensa na medida em que a ação não se repetir, ou na medida em que não ocorram outras ações do mesmo tipo: neste caso, o presente progressivo deixaria de ser apropriado<sup>3</sup>.



As frases (99 a,b,c) foram todas construídas com base no esquema *estar +NDO+adjetivo*; além do mais o adjetivo é daqueles que, por seu caráter "psicológico" combinam tipicamente com nomes que fazem referência a seres humanos. Todavia, no de correr de nossa exposição, já deparamos também com orações que, embora construídas com o mesmo esquema sintático, tem adjetivo aplicável também a inanimados: lembrem-se os usos do adjetivo *pequeno* nas frases (53b) e (54b), que reproduzimos aqui para maior facilidade:

(53b) A casa está sendo pequena para nós.

(54b) A piscina estava sendo pequena para abrigar os peixes trazidos pelas equipes de salvamento.

A despeito das dissemelhanças superficiais, (53b) e (54b) compartilham muitas características com (97) e (99): se, ao invés de utilizar "avaliativo" em seu sentido corrente lhe dermos o sentido mais amplo e técnico que assume, por exemplo, em Bierwisch (1970) ou Fillmore (1969), todas as frases aqui consideradas são avaliativas. Um traço típico das frases avaliativas é que seu sentido so pode ser adequadamente exposto se as desdobrarmos em várias proposições subjacentes, semanticamente relacionadas, no mínimo, pelo fato de que compartilham uma expressão referencial. Assim, Fillmore analisaria provavelmente uma frase como

(101) O modelo Corneta 275 é uma boa chave de fenda.

em duas informações independentes: 1) O modelo corneta 275 realiza a contento sua função característica; 2) a função normal do modelo corneta 275 consiste em servir de instrumento em operações desenvolvidas por agentes tipicamente humanos, cujo objeto são seres inanimados de um tipo especial, a saber, parafusos. Já mostramos a propósito de (97) e (99) como se interpretam confrontando duas orações distintas que compartilham uma expressão nominal; quanto a (54b) é fácil desdobrá-la em "a piscina é pequena" e "abrigam-se na piscina os peixes trazidos pelas equipes de salvamento"; em (53b) parece bastante intuitivo que o complemento *para nós* se desenvolve para efeito de interpretação em "nós moramos na casa".

Resumindo, em todos os casos considerados nesta seção é fundamental para a compreensão das orações construídas no progressivo o recurso a outras orações, explícitas no mesmo diálogo, ou passíveis de ser reconstituídas a partir de termos da própria oração no progressivo (por exemplo: nominalizações e complementos). Se chamarmos essas orações, na falta de um termo melhor, de "orações circunstanciais", verificaremos que toda oração circunstancial, uma vez explicitada, comporta sempre como um de seus termos o indivíduo que é objeto de avaliação na frase progressiva. Em todos esses casos, a avaliação expressa pela frase no progressivo é contingente à participação do indivíduo referido por seu sujeito na ação expressa pela "frase circunstancial", e nesse sentido as duas orações são simultâneas. Dito de outra maneira, há entre as frases no progressivo que estamos examinando nesta seção e as frases circunstanciais

que permitem interpretá-las uma dupla relação, que corresponde aos dois sentidos possíveis de enquanto: para (99c) podemos dizer que qualifica alguém como bobo enquanto assume determinadas incumbências; para (54b) podemos dizer que qualifica a piscina como pequena enquanto se abrigam nela os peixes resgatados da poluição dos rios.

(b) Uma outra série de exemplos em que a oposição formas simples X formas progressivas pode ser vista, em última análise, como uma questão de aspecto, é representada por

(102) Aos doentes com queimaduras são subministrados antibióticos e calmantes.

(103) Aos doentes com queimaduras estão sendo subministrados antibióticos e calmantes.

Parece-nos (e assim confirmaram os informantes a quem apresentamos essas orações) que há uma probabilidade muito grande de (102) aparecer num discurso de divulgação da medicina (por exemplo, poderia ocorrer numa enciclopédia ou manual tipo "Medicina e saúde para o lar"), ao passo que (103) ocorreria com maior probabilidade no relatório do tratamento efetivamente aplicado a um grupo de pacientes. Usando o jargão semântico, isso é o mesmo que dizer que em (102) o sujeito é uma expressão genérica, ao passo que em (103) é uma expressão referencial. Haveria, se as intuições nossas e de nossos informantes estão corretas, uma tendência a interpretar como referencial o sujeito de frases cujo verbo está em forma progressiva; e como genérico o sujeito de frases cujo verbo está na forma simples. Mesmo que essas interpretações de (102) e (103) não sejam as únicas possíveis, o fato de que são preferenciais parece mostrar uma relação entre progressivo e quantificação do sujeito que provavelmente não foi nunca tematizada em análise do Português, e que merece uma observação mais atenta.

Recordemos, pois, alguns fatos bem conhecidos sobre quantificação de SNs definidos. As análises semânticas mais acuradas (por exemplo: Bonomi, 1970 distinguem geralmente quatro usos: o SN definido é generalizante ou particularizante; se generalizante pode tomar um sentido categorial ou não categorial; se particularizante pode estar sendo usado para fins referenciais ou não referenciais (esta última distinção é basicamente a que foi levantada por Donnellan (1966), que lhe aplica as denominações "referencial" e "attributive"). Para nossa discussão sobre progressivos, a distinção categorial/não categorial é relevante, ao passo que todos os empregos particularizantes podem ser tratados como um bloco indistinto. Consideraremos assim três usos possíveis dos SNs definidos: 1-singularizantes; 2-generalizantes não-categoriais; 3-generalizantes categoriais<sup>4</sup>; a esses três usos referiremos as frases (104), (105) e (106), respectivamente:

(104) a. O motorista do carro oficial está guiando com muita imprudência.

b. O motorista do carro oficial guia com muita imprudência.

- (105) a. O motorista de praça está sendo enquadrado na categoria comércio, para fins de deduções previdenciárias.  
b. O motorista de praça é enquadrado na categoria comércio, para fins de deduções previdenciárias.
- (106) a. O motorista de praça está-se enquadrando no ramo terciário das atividades econômicas.  
b. O motorista de praça enquadra-se no ramo terciário das atividades econômicas.

A constatação mais importante é que, enquanto é indiferente usar a forma simples ou progressiva ao lado de um sujeito empregado para fazer referência, ou para fazer generalizações não categoriais, a forma progressiva é incompatível com generalizações categoriais - (106a) admite, certamente, interpretações que a tornam aceitável, mas ao preço de entender a quantificação de seu sujeito como em (104a) ou (105a). Na mesma direção vai a constatação de que só se pode interpretar

- (107) a. O carneiro está balindo  
b. O cachorro está latindo e uivando  
c. O bode está berrando  
etc.

como frases referenciais, ou generalizantes não-categoriais.

Outras constatações têm a ver com a ambiguidade potencial entre leitura habitual e não-habitual, à qual tanto as formas simples como as progressivas estão sujeitas, e são as seguintes: 1) parece impossível utilizar uma descrição definida generalizante (não-categorial) ao lado de um verbo de forma progressiva, sem que este adquira ipso-facto um valor habitual. De fato, frases como

- (108) O leão da montanha está desaparecendo.

vale pelo relato de uma série de desaparecimentos individuais e sucessivos, que caracterizam um período; e análogamente (105a) relata uma série de operações individuais de enquadramento.

(109)

	FORMAS SIMPLES		FORMAS PROGRESSIVAS	
	Uso habitual	Uso semelfac.	Uso habitual	Uso semelfac.
SN referencial				
SN general. não-categorial				
SN general. categorial				

As incompatibilidades registradas no quadro (109) prometem constituir um dado importante no momento em que tentaremos generalizar a respeito do papel semântico da perí frase progressiva; mas ao mesmo tempo parecem orientar a investigação num sentido - o da análise da quantificação - que nos afasta aparentemente do propósito anunciado no início deste item 3.2.: o de pensar o progressivo numa perspectiva *aspectual*. Que relações cabe estabelecer entre aspecto e quantificação? Essa pergunta tem um alcance muito vasto, e nós tentaremos respondê-la de maneira extremamente parcial, em relação somente com as orações (104)-(106).

Voltemos, pois, a essas orações, e coloquemo-nos o problema se não existiria um invariante semântico próprio de todos os usos do progressivo, e capaz de estabelecer uma distinção em relação a todos os usos correspondentes da forma simples. A questão é complicada pelo fato, reiteradamente observado neste artigo, de que há na maioria dos casos uma ambiguidade potencial entre uso semelfactivo e uso habitual: por exemplo, (104a) poderia servir de comentário em duas situações diferentes: S-A e S-B:

S-A: O guarda rodoviário observa um carro oficial ultrapassar em curva um ônibus de linha e comenta

S-B: Um funcionário da prefeitura de Caixaprego, ao passar por uma esquina movimentada vê um carro oficial que acaba de sofrer um acidente; sem saber como se deu o acidente, refere-se ao que pôde constatar em outras ocasiões sobre como guia o chofer do prefeito.

num caso, (104a) seria interpretada semelfactivamente; no outro habitualmente.

Também (104b) é passível de ser utilizada nessas duas situações, o que parece confirmar a mesma duplicidade de interpretação e parece, à primeira vista, aproximar as duas construções ao invés de separá-las. Na verdade, referindo os vários usos de (104a) às situações em questão ganhamos alguns indícios bastante precisos de suas diferenças: novamente, estamos registrando algumas intuições que tivemos o cuidado de confrontar com alguns informantes mas que são provavelmente distintas do que o leitor estaria disposto a admitir.

Utilizada em S-A pelo guarda rodoviário, (104a) limita-se à constatação de um acontecimento simultâneo. (104b) transcende a simples constatação e estigmatiza o motorista como um mau motorista além e fora do episódio em questão. Uma terceira pessoa, que ouvisse as observações do guarda poderia rebater (104b) dizendo que o motorista é normalmente prudente, que deve haver atenuantes para esse comportamento in solitamente imprudente etc.; e (104b) ficaria desmentida se fosse possível mostrar que o guarda nunca teve ocasião de inteirar-se sobre a maneira de guiar do motorista da situação S-A. (104a), na situação, é uma observação menos comprometedora mas absolutamente impossível de responder. Não fica desmentida nem mesmo se o guarda for novo, ou se o motorista for um substituto.

Na situação S-B, o funcionário pode escolher entre o comentário (104a) e (104b): em qualquer caso, está obviamente indo além da simples constatação de um episódio de imprudência, causador do acidente observado; ao contrário supõe a existência de uma série de episódios semelhantes, característicos de um período no qual se insere o momento de fala. Mas é mais provável que recorra a (104a) para dizer que a conduta irresponsável do motorista é recente, e contrasta com um período anterior de atuação responsável. Em outras palavras, o progressivo, mesmo quando usado com valor habitual, deixa patente que o período caracterizado pela repetição de uma mesma atividade é limitado em relação a um período-suporte mais amplo (no exemplo: a atuação do motorista, como um todo); o habitual não-progressivo não marca limites e, à falta de outras determinações, introduzidas por exemplo por advérbios, sugere que o fenômeno em questão se prolonga por todo o período-suporte, que dentro dos limites de aplicabilidade estabelecidos pela natureza do sujeito, a característica em questão é a-temporal.

Que a idéia de um limite é inerente ao progressivo-habitual constata-se também de outras maneiras: a alguém que vejo comprar cigarros num supermercado onde é proibido fumar, posso perguntar "Você está fumando?". Esse alguém pode responder "Estou fumando não, fumo desde criança" ou "Mas eu sempre fumei": essas respostas descartam a insinuação, presente em minha pergunta, de que o hábito é recente e estendem seus limites temporais até os limites máximos do que chamamos "segmento suporte", no caso o período hábil do meu interlocutor como fumante.

Vamos resumir as principais constatações desta secção: 1) a oposição entre semelfactivo e habitual é de pouca ajuda na distinção das formas simples e progressivas, porquanto os dois tipos de formas podem assumir ambos os valores, ou pelo menos, empregar-se em situações em que se requer uma constatação ou uma referência a



hábitos. Todavia 2) o uso das duas formas não é indiferente, no sentido de que apenas as formas progressivas permitem uma autêntica interpretação semelfactiva, e de que os progressivos, quando habituais, introduzem uma limitação temporal que não aparece com os habituais não-progressivos.

Da comparação dos usos considerados do progressivo emerge que o progressivo se refere a uma ação em desenvolvimento ou a um hábito destacando apenas uma fase cronológica do mesmo, que aparece como contrastando com os segmentos adjacentes, para os quais não permite concluir que o hábito ou a ação em questão prevalece. Esta idéia será retomada e precisada no próximo parágrafo; mas, desde já, parece que está aqui uma das chaves para a misteriosa incompatibilidade dos progressivos com sujeitos tomados categorialmente: vimos que a aplicação de um predicado a uma descrição definida generalizante e categorial resulta numa frase que explicita o esquema categorial que subjaz à nossa língua; se é assim, uma frase de predicação categorial não está sujeita a limites temporais; e é de se esperar que a aproximação de uma predicação categorial (a-temporal) com um verbo em forma progressiva (tipicamente temporalizada) resultaria numa construção auto-contraditória.

(c) Alguns exemplos, como os registrados em (110) parecem indicar a primeira vista a existência em português de um valor "presente futuro" para o progressivo:

- (110)a. (Não vou comprar nenhum móvel por ora; é que) *estou-me mudando*, e portanto não sei de quanto espaço vou dispor.
- b. (Vão começando a reunião. Tive um problema com um pneu do meu carro, mas) *já estou chegando*: não vou atrasar-me mais do que cinco ou dez minutos.

A idéia de um valor "futuro" parece confirmar-se, inclusive, em (110b) pelo fato de que o locutor, utilizando o verbo *chegar*, se desloca idealmente para junto de seu interlocutor. Evidentemente, se a frase fosse pronunciada com valor presente, e não futuro, deveria ser dita na presença do interlocutor e não teria mais qualquer valor informativo. Parece porém que frases como (110)b. se pronunciam tipicamente em circunstâncias peculiares, por exemplo quando os dois interlocutores não têm possibilidade de ver-se, como ocorre nas comunicações telefônicas. Aparentemente, os exemplos de (110) contradizem a possibilidade de um tratamento aspectual do progressivo. Veremos porém, mais adiante, que se trata de uma dificuldade apenas aparente.

4. Nesta secção, pretendemos discutir a possibilidade de sistematizar os usos do progressivo apontados até aqui, a partir da fórmula para condições de verdade para progressivos do Inglês proposta por Dowty (1977).

Há dois pressupostos, na proposta de Dowty, que vale a pena explicitar de antemão: 1) a perífrase progressiva mantém em todas as suas aplicações um papel semântico constante; 2) aplica-se entretanto a bases verbais cuja estrutura semântica é

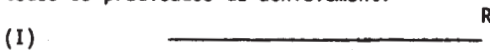


diferenciada; daí matrizes de significação - mais precisamente *entailments* - diferenciados. A partir de 4.1. perguntar-nos-emos se faz sentido, para o Português, atribuir aos progressivos um papel semântico fixo; preliminarmente, porém, parecem-nos oportunas algumas observações sobre a disparidade semântica das bases verbais que o progressivo toma como operandos.

Já várias vezes no decorrer deste trabalho tivemos ocasião de mostrar predicados com as mesmas características superficiais e exigindo descrições semânticas diferenciadas; por exemplo, em 2.2. endossamos a classificação de Zeno Vendler, apoiando-a no fato de que verbos aparentemente semelhantes não admitem a aplicação dos mesmos tipos de complemento de tempo. Aqui, interessa mostrar outro aspecto do mesmo fenômeno: um mesmo operador, aplicado a predicados com estrutura semântica diferente, pode resultar em efeitos de sentido bastante diferentes. Tomemos por exemplo o advérbio *quase* tal como aparece nas frases (111)-(114)<sup>5</sup>:

- (111) A criança está quase correndo.
- (112) O sol está quase brilhando.
- (113) Ele está quase escrevendo um romance.
- (114) O menino está quase alcançando as prendas do pau-de-sebo.

Podemos representar o esquema temporal associado a *alcançar* por um gráfico como (I), típico de todos os predicados de achievement:



ou seja: distinguem-se nesse esquema um período de "preparação" e um momento de resolução. O uso do operador *quase* informa-nos que o momento de referência precede de pouco o momento de resolução; assim, o sentido da frase (114) poderia ser representada por algo como



Também a *escrever um romance*, típico predicado de accomplishment, podemos associar um período de "preparação" e um momento final; mas os dois componentes recebem um peso relativo inverso ao que teriam para um verbo de achievement: note-se que em "X acabou de alcançar as prendas de pau-de-sebo" não se refere ao completamento dos preparativos, mas ao caráter recente da resolução; ao passo que em "X acabou de escrever seu romance" referimo-nos ao completamento da fase prévia e não ao caráter recente dos resultados; e por isso cabe reproduzir aqui a observação de Vendler segundo a qual cada momento do período de preparação de "escrever um romance" o autor está escrevendo um romance, ao passo que somente no momento final de "alcançar as prendas do pau-de-sebo" o competidor está alcançando as prendas. Por isso, ao invés do esquema (I) parece legítimo aplicar a *escrever um romance* um outro esquema onde o momento final é de término

no mas não de resolução, cp.

(II) i \_\_\_\_\_ T

Interpretando-se "escrever um romance" como em (II), (113) seria compreendida "ele es  
tã prestes a começar a escrever um romance", na nossa simbologia

(116) - - - - - i \_\_\_\_\_ T

MR (=MF)

*Brilhar* e *correr*, exemplos típicos de estado e atividade, respectivamente, têm asso  
ciado a si um esquema temporal ainda mais simples, que consta de um período de dura  
ção delimitado por dois pontos não necessários à significação do predicado, aque  
m e além dos quais o estado ou ação em questão não vigora. Aqui também, a aplicação de  
*quase* resulta em localizar o momento de referência antes do início do segmento de du  
ração, resultando para (111) e (112) interpretações temporais como (117):

(117) - - - - - i \_\_\_\_\_ J

MR (=MF)

Uma observação que se aplica a todos os empregos exemplificados até aqui é que embora  
*quase* mantenha o mesmo papel semântico - o de indicar anterioridade e proximidade a  
um ponto - escolhe, conforme o tipo de predicado a que se aplica um ponto de referên  
cia distinto: anterior ao momento de resolução e incluído no período de preparação ,  
no caso de achievements; anterior a todo o período de preparação ou de duração no ca  
so de accomplishments, activities e states.

Essas observações são reconhecidamente fragmentárias; parecem-nos entre  
tanto oportunas para ilustrar a situação aparentemente paradoxal que encontraremos na  
descrição de Dowty: a atribuição de um sentido único a um operador, num mesmo contex  
to onde esse operador determina uma pluralidade de "efeitos de sentido". Fixamo-nos  
no papel semântico de *quase* : acreditamos porém que a importância de categorizar se  
manticamente os predicados para compreender o papel dos operadores ficaria igualmente  
comprovada se examinássemos o que ocorre com outros operadores aspecto-temporais, co  
mo mal (ele mal escreveu seu romance), *acabar* e *começar*, *jã* e *ainda*.

4.1. A análise dos imperfectivos ingleses feita por Dowty (1977) come  
ça chamando a atenção para uma peculiaridade que distingue os verbos de accomplish  
ment e de achievement, em face dos verbos de activity ou state, peculiaridade que ele  
caracteriza como "o paradoxo do imperfectivo". Dowty sustenta que formas imperfecti  
vas de verbos de accomplishment ou achievement, como

(118) He is writing a symphony

não permitem concluir que será verdade no futuro

(119) He wrote a symphony,

ao passo que formas imperfectivas de verbos de activity, como

(120) She is running in the stadio

permitem concluir que será verdade no futuro

(121) She ran in the stadio.

Encarando as coisas a partir dessa observação, poder-se-ia pensar que a mudança de estado a que faz referência o predicado de (118) (o fato de que uma sinfonia antes inexistente passa a existir) seja inessencial para a verdade desse mesmo predicado. Mas - observa por outro lado Dowty - a mudança de estado especificamente envolvida em *writing a symphony* é de fato essencial para a verdade de (118): se essa mudança de estado não for levada em conta, não haverá meio de distinguir as condições de verdade de (118) das condições de verdade de qualquer outro imperfectivo de accomplishment, como (122) a.-c.

(122) a. He is writing a sonata

b. He is discovering a new isotope

c. He is going away.

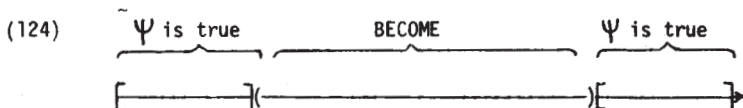
Propondo-se descrever e formalizar a contribuição semântica que a frase progressiva faz nas orações que a contêm, Dowty põe-se como objetivo básico o de formular a estrutura semântica das construções progressivas de modo que autorize as inferências exemplificadas em (120)-(121) (verbos de "activity"), mas que evite a inferência intuitivamente errada (118)-(119). Propõe obter esse resultado caracterizando o progressivo como uma construção simultaneamente *temporal e modal*: "modal" não deve ser referido aqui a *modo*, a distinção que a tradição gramatical ocidental definiu sobre o paradigma de conjugação dos verbos greco-latinos, separando asserção, ordem, suposição e desejo; relacione-se, ao contrário "modal" à noção de procedência lógica de *modalidade*: casos mais frequentemente citados de operadores de modalidade são, neste sentido, a possibilidade, a necessidade, etc. Com esses operadores a construção progressiva compartilha, segundo Dowty, a propriedade de referir-se não apenas ao mundo real, mas ao conjunto dos mundos possíveis.

A fórmula na qual Dowty fixa as condições de verdade para a construção progressiva do Inglês (inserção (18), p.57 do texto original) é a seguinte:

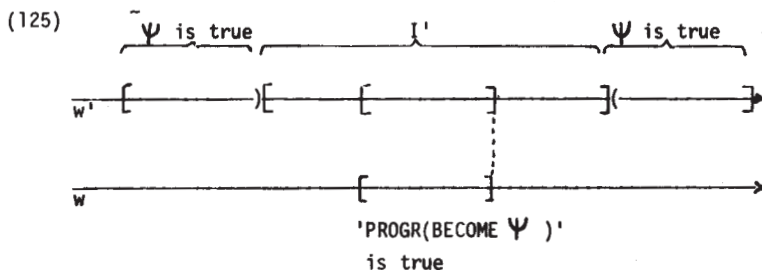
- (123) (PROGR  $\emptyset$ ) is true at  $\underline{I}$  and  $\underline{w}$  iff there is an interval  $\underline{I}'$  such that  $\underline{I}$  is a proper subinterval of  $\underline{I}'$  and there is a world  $\underline{w}'$  for which  $\emptyset$  is true at  $\underline{I}'$  and  $\underline{w}'$ , and  $\underline{w}$  is exactly like  $\underline{w}'$  at all times preceding and inclining  $\underline{I}$ .
- (123') (PROGR  $\emptyset$ ) é verdadeiro no intervalo  $\underline{I}$  no mundo  $\underline{w}$  se e somente se existir um intervalo  $\underline{I}'$  e um mundo  $\underline{w}'$  tais que  $\emptyset$  é verdadeiro em  $\underline{w}'$  durante  $\underline{I}'$  e  $\underline{w}'$  e  $\underline{w}$  são exatamente idênticos em todos os tempos antes e no decorrer de  $\underline{I}$

A instrução (123) registra a contribuição significativa que se associa a todos os usos do progressivo: mas na semântica de Dowty, que sob esse ponto de vista respeita fielmente e ilustra o princípio fregeano da composicionalidade, (123) fornece apenas um dos ingredientes da interpretação temporal de frases no progressivo: o outro ingrediente é, como se pode imaginar, a própria estrutura semântica do predicado (descontando-se, evidentemente, o fato de o predicado estar no progressivo). Como sugerido a propósito dos exemplos (118)-(121), interessa a Dowty distinguir duas grandes classes de predicados: achievements e accomplishments de um lado e activities e states de outro.

Vimos que, na estrutura semântica interna dos achievements/accomplishments é fundamental segundo Dowty uma mudança de estado; a maneira que ele usa para representar essa mudança de estado consiste em caracterizar duas fases, separadas por uma transição, em que um mesmo predicado é falso e depois verdadeiro. Assim, Dowty atribui aos verbos de achievement/accomplishment uma estrutura semântica interna como em



De acordo com a instrução (123), um verbo de accomplishment / achievement no progressivo remete a um mundo possível  $\underline{w}'$  em que uma estrutura como (124) é verdadeira, e coloca em correspondência com esse mundo possível o mundo real  $\underline{w}$ , declarando que durante um período  $\underline{I}$ , que é um sub-intervalo de  $\underline{I}'$  (no gráfico (124), o período correspondente a BECOME),  $\underline{w}$  e  $\underline{w}'$  se confundem. Daí a representação (125):

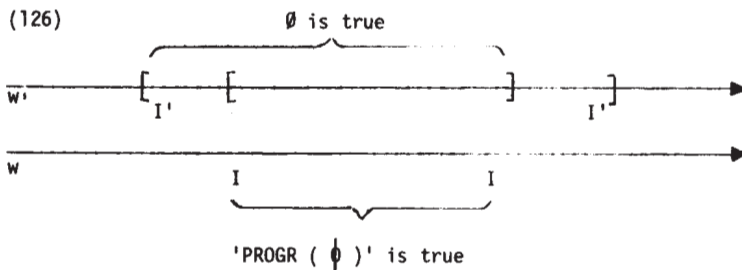


B: (1) (BECOME  $\Psi$ ) é a forma semântica standard para predicados de accomplishment, achievement.

(2) (BECOME  $\Psi$ ) caracteriza o intervalo de transição  $I'$  que é o menor possível compreendido entre dois intervalos em que  $\Psi$  é sucessivamente falso e depois verdadeiro.

Fica fácil, lendo (125), justificar por que inferências como (118) (119) ficam descartadas: a transição entre os períodos em que é falso e depois verdadeiro completa-se apenas no mundo possível  $w'$ ; já no mundo real  $w$ , somente uma parte não especificada dessa transição se realiza. Para inferências como (118) (119), que se pretendem válidas no mundo real, a verdade de (118) em  $w$  não é suficiente.

Pelo que o texto indica, e pelo que a intuição sugere, a estrutura semântica necessária para representar activities e states é mais simples, consistindo apenas num segmento em que o estado ou atividade em questão dura. Aplicando um progressivo sobre essa estrutura semântica simples, obtemos um efeito que pode ser representado por (126):



Pela exigência (que faz parte de (123)) de que  $w$  e  $w'$  sejam idênticos até o instante final de  $I$ ,  $\emptyset$  tem que ser verdadeiro no mundo real para o período que vai do início de  $I$  ao término de  $I$ ; inferências como (120) (121) ficam portanto validadas.

4.2. Ao longo das três primeiras secções deste trabalho enumeramos uma série de empregos da construção *estar-ND0*; não nos preocupamos em levantar semelhanças entre esses empregos, embora utilizássemos para todos eles as mesmas denominações: "construção, perífrase progressiva do Português". Daqui para a frente pretendemos discutir a possibilidade de atribuir um "sentido básico" comum a todos os empregos apontados; mais precisamente, perguntar-nos-emos se, atribuindo a todos os empregos antes enumerados um "sentido básico" idêntico ao que Dowty propõe para os progressivos do Inglês, damos conta das intuições expostas a seu respeito.

(a) comecemos por observar que em certos casos a aplicação do modelo de Dowty surte resultados intuitivamente válidos sem necessidade de qualquer ajuste ou revisão.

Assim, em

(127) (Quando entrei na sala 12) o Luís Carlos estava copiando a lenda dos Niebelungen em alfabeto gótico antigo.

a fórmula de Dowty permite situar minha entrada na sala 12 num momento pertencente a um período (real) em que a cópia gótica da lenda dos Niebelungen não existe, e um período (eventualmente real, mas apenas possível) em que essa cópia existe. Uma análise nos termos de Dowty permite, em suma, representar formalmente dois elementos de conteúdo que intuitivamente estão associados a (127):

- i. que, a correrem as coisas de maneira "normal" a cópia do Luís Carlos se estende de quem e além da minha entrada na sala 12;
- ii. que a cópia em questão poderia não prosseguir depois de minha entrada na sala 12<sup>6</sup> ou, prosseguindo, poderia não chegar ao final; e que por conseguinte não é válido inferir de (127) coisas como "O Luís Carlos copiou a lenda dos Niebelungen em alfabeto gótico antigo" ou "Há uma cópia em alfabeto gótico antigo da lenda dos Niebelungen da lavra do Luís Carlos".

(b) Também parecem enquadrar-se no modelo de Dowty os usos que numa passagem anterior chamamos de "futuros" e que exemplificamos por (110a), (110b):

- (110) a. Estou-me mudando (subentendido: daqui a alguns dias)
- b. Estou chegando (dito ao telefone por alguém que está a caminho)

Uma observação importante a respeito dos progressivos "futuros" consiste em que esse valor *sõ* se aplica a verbos de achievement e accomplishment, ficando excluído para verbos de atividade e estado<sup>7</sup>. Tudo indica, mais precisamente, que o domínio típico das interpretações "futuras" são os predicados de *achievement*; ora, já tivemos ocasião de comentar que a perífrase progressiva, quando aplicada a verbos de achievement, situa o momento de referência no "período de preparação"; pensamos que não há dificuldade em encarar a ação de "mudar-se" como tendo o esquema temporal dos achievements, já que comporta uma série bastante ampla de atividades de preparação (decisão, procura de um novo imóvel, empacotamento das tralhas etc.) e se completa pela transferência propriamente dita dos pertences. O uso de *mudar-se* no presente indica que o momento de referência (= momento de fala, no caso) incide na "fase de preparação"; sugere que há um curso normal dos eventos que deveria completar-se com a transferência propriamente dita dos pertences, transferência essa que, pelo próprio esquema temporal inerente ao verbo, deverá ser posterior e portanto, no caso, futuro. Em suma, desde que se encare *mudar-se* como um achievement, o "sentido futuro" do progressivo sai como uma implicação da fórmula de Dowty.

Pensamos que (110b) pode ser explicado de maneira análoga: com efeito



o locutor s $\bar{o}$  est $\bar{a}$  autorizado a pronunciar sinceramente (110b) quando est $\bar{a}$  efetivamente a caminho; e o fato de que o locutor se situa no final do trajeto incluindo-se entre os destinat $\bar{a}$ rios do ato de fala/ocupantes da posi $\bar{c}$ o de chegada ao utilizar chegar ao inv $\bar{e}$ s de *ir* ou *partir* apenas sublinha o aspecto mais t $\bar{i}$ pico do "paradoxo do progressivo", tal como o caracteriza Dowty: que a a $\bar{c}$ o se define pelo estado de coisas que resulta de seu "decurso normal", sem que por isso o percurso normal se torne obrigat $\bar{o}$ rio.

(c) Referidos ao esquema de Dowty, exemplos como (128)(an $\bar{a}$ logos aos que discutimos em 2.3.) enquadram-se na instru $\bar{c}$ o (126); assim interpretados, fazem uma afirma $\bar{c}$ o que  $\bar{e}$  verdadeira no mundo real para um per $\bar{i}$ odo I, se houver um mundo poss $\bar{i}$ vel em que  $\bar{e}$  verdadeiro durante todo um per $\bar{i}$ odo I' (parcialmente coextensivo a I, mas mais extenso)

(128) O zelador est $\bar{a}$  sendo negligente.

(129) O zelador  $\bar{e}$  negligente.

Gostar $\bar{i}$ amos de sugerir que as dimens $\bar{o}$ es de I s $\bar{a}$ o fixadas, de acordo com o que discutimos em 2.3.a, pela dura $\bar{c}$ o de uma a $\bar{c}$ o:  $\bar{e}$  enquanto essa a $\bar{c}$ o se realiza ou seus efeitos se mant $\bar{e}$ m que o zelador de (128)  $\bar{e}$  pass $\bar{i}$ vel da cr $\bar{i}$ tica de neglig $\bar{e}$ ncia; por outro lado, parece-nos correto conjecturar que o mundo poss $\bar{i}$ vel w' em que  $\bar{e}$  verdadeira (129)  $\bar{e}$  um mundo em que se acumulam a $\bar{c}$ oes que, individualmente consideradas, seriam pass $\bar{i}$ veis do coment $\bar{a}$ rio (128). Mas precisamente a $\bar{i}$   $\bar{e}$  que surge um problema em rela $\bar{c}$ o a Dowty: supondo que o segmento de I' que precede I seja suficientemente amplo, e caracterizado por uma acumulac $\bar{a}$ o de evid $\bar{e}$ ncias da neglig $\bar{e}$ ncia do zelador, pensamos que seria mais prov $\bar{a}$ vel o locutor usar a frase (130) ou mesmo (129):

(130) O zelador continua (sendo o mesmo) negligente (de sempre).

Em outras palavras, quem pronuncia (128) d $\bar{a}$  a entender que depara com evid $\bar{e}$ ncias isoladas e recentes. Uma maneira de obter isto no esquema de Dowty  $\bar{e}$  exigir que o momento inicial de I e I' coincidam; os momentos finais  $\bar{e}$  que n $\bar{a}$ o coincidem: no final I' transborda I e comporta novas provas da neglig $\bar{e}$ ncia do zelador - provas que por sua acumulac $\bar{a}$ o acabam por represent $\bar{a}$ -la como uma caracter $\bar{i}$ stica est $\bar{a}$ vel e a-temporal.

(d) A categoria dos habituais, bem mais dif $\bar{i}$ cil de enquadrar nas instru $\bar{c}$ oes de Dowty, aplicam-se algumas das observa $\bar{c}$ oes do item anterior. Supondo que (126) pudesse aplicar-se tal e qual aos habituais do portugu $\bar{e}$ s, frases como

(131) Pedro est $\bar{a}$  morando na casa de minha tia.

(132) Maria est $\bar{a}$  cozinhando as refeic $\bar{o}$ es mais r $\bar{a}$ pidas no fog $\bar{a}$ o el $\bar{e}$ trico, e as mais demoradas no fog $\bar{a}$ o a g $\bar{a}$ s.

haveria:

- i. no mundo real: um período relativamente breve I, que compreende o momento de fala/referência
- ii. num mundo meramente possível: um período I', mais longo e englobando I, durante o qual são verdadeiras "Pedro mora na casa de minha tia" ou "Maria cozinha as refeições mais rápidas no fogão elétrico e as mais demoradas no fogão a gás".

além disso,

- iii. os dois mundos seriam idênticos até o término de I, e eventualmente distintos em seguida.

Há uma intuição importante, que se contraria nessa descrição dos progressivos habituais: vimos que ao optar entre a forma *estou fumando* e a forma *fumo*, o locutor escolhe entre apresentar suas práticas de tabagismo como recentes ou indeterminadamente antigas. O mesmo pode-se dizer a propósito dos hábitos residenciais de Pedro em (131) e das práticas culinárias de Maria em (132). Ora, (126) não só define a verdade de *estou fumando*, *está morando*, ou *está cozinhando* (progressivos) em *w* pela verdade de *fumo*, *mora* ou *cozinha* em *w'*, fazendo com que o caráter recente do hábito desapareça em *w'* - e isto parece perfeitamente aceitável - mas ainda, exige que *w* e *w'* sejam iguais até o final do período I: com isso, o caráter recente do hábito desaparece igualmente no mundo real.

Defrontamo-nos em suma com o mesmo problema que apontamos a propósito de (128): a instrução de Dowty associa aos habituais progressivos um estado de coisas que seria descrito por outras construções, como

- (133) a. Pedro continua morando na casa de minha tia
- b. Maria continua cozinhando as refeições...

Parece-nos que vale aqui a mesma saída que propusemos no item anterior: adaptar a instrução de Dowty de modo que o único período em que *w* e *w'* são obrigatoriamente idênticos seja I: em outras palavras, o locutor não se pronunciaria sobre o que acontece antes de I - período durante o qual *w* e *w'* podem ou não ser idênticos. Posteriormente a I, o hábito (fumar, morar, cozinhar) pode ou não persistir: o locutor afirma que a persistência do hábito é meramente possível, ao optar pela forma do progressivo-habitual.

(e) Também não é imediatamente evidente como poderiam ser enquadrados nas instruções de Dowty os exemplos em que está em jogo uma qualificação dos atos de fala (exemplos da secção 3.1.).

Não é difícil imaginar que em

(134) (Evite falar com minha irmã ou lhe meto a mão) Estou-lhe avisando.

o uso do progressivo sirva para apresentar o verbo "avisar" como fazendo parte de um mesmo ato de fala em andamento a que pertence também o imperativo *evite* da primeira oração, ou a previsão de castigo da segunda: intuitivamente, temos um único movimento de ameaça, que o qualificativo "avisar" suaviza sem descartá-lo.

Mas (134) alterna nos contextos em que é usada com outras expressões ,  
como

(135) (evite falar com minha irmã ou lhe meto a mão).

- a. Não diga depois que não avisei
- b. Você foi avisado
- c. Você está avisado

Se o sentido de (134) e (135) é o mesmo, pode-se pensar que a ação de *avisar* de (134) é algo que se consumou integralmente; estamos em suma diante de um imperfectivo que não é de atividade ou estado, e que foge ao paradoxo descrito por Dowty.

Por mais grave que seja, esta objeção não parece impossível de ser contornada dentro de uma revisão que, se quisermos aplicar Dowty ao Português, se impõe de qualquer forma, e que tem a ver com o comportamento semântico dos verbos de achievement.

Começamos por observar que Dowty utiliza um conceito de *achievement* em grande parte diferente do que foi proposto por Vendler: para Dowty são *achievements* quaisquer "verb phrases which, like accomplishments, involve a particular change of state, but unlike accomplishments, do not assert that the change of state was brought about by any event or action". Nesse conceito, enquadram-se tanto autênticos predicados de achievement, como *esquecer*, *cair da mesa*, quanto predicados de accomplishment, como *secar*, além de predicados que podem ser construídos como achievements ou accomplishments, como é o caso de *morrer*<sup>8</sup>. Parece em suma que Dowty confia numa semelhança muito grande nos esquemas temporais associados a achievements e accomplishments; e que tendo desenvolvido sua fórmula do valor de verdade dos progressivos para os accomplishments, a estende (sem maiores inquirições) aos achievements.

Para nós, o comportamento dos verbos de achievement em face do "paradoxo do imperfectivo" constitui um caso independente dos accomplishments e mais complicado. Para começar, há muitos verbos de achievement<sup>9</sup> que é difícil ver empregados, de de maneira natural, na forma progressiva. Por exemplo, as investidas sucessivas dos competidores do pau-de-sebo parece que são mais facilmente descritas por

- (136) i. Falta pouco para ele alcançar as prendas
- ii. Ele já vai alcançar as prendas
- iii. Mais um impulso e ele alcança as prendas
- iv. Ele alcançou as prendas.

Com *alcançar*, em outras palavras, é pouco espontâneo o uso do progressivo; caso ele seja utilizado, não fica claro se se quer apontar para o momento de resolução ou para sua iminência, como em

(137) O Zelão está alcançando as prendas.

Mas há outros predicados (ou talvez outras situações de uso de predicados) em que claramente se aponta para a "resolução". Por exemplo, *completar a quinta volta do autódromo, assumir a liderança da corrida, chegar ao final da corrida* são indiscutivelmente casos de achievement. Supondo que uma testemunha ocular de uma corrida automobilística, por exemplo um locutor de rádio, relatasse como verdadeiras

(138) Piquet está completando a 5a. volta

(139) Piquet está assumindo a liderança

(140) Piquet está chegando ao final da corrida,

não há dúvida de que se poderia inferir de seu relato que em certo momento

(141) Piquet completou a 5a. volta

(142) Piquet assumiu a liderança

(143) Piquet completou a corrida.

Em suma, há pelo menos alguns verbos de achievement (ou talvez: alguns usos de verbos de achievement, em situações peculiares) que se subtraem ao paradoxo do progressivo.

Se *avisar* for enquadrado entre estes últimos casos de achievement, e se o modelo de Dowty tiver sua aplicação limitada aos accomplishments, e a uma parte apenas dos achievements, obtemos ainda as predições corretas.

Em outras palavras, parece-nos que o paradoxo do progressivo e as soluções de que Dowty lança mão para evitá-lo dizem respeito, efetivamente, a accomplishments e tem nesse caso aplicação inteiramente satisfatória. Com os achievements, impõe-se uma distinção: parte se comportam exatamente como os accomplishments, inclusive no sentido de que o progressivo fixa o momento de referência no período "preparatório". Outros, fixam o tempo de referência no "momento de resolução"; autorizam a inflexão da forma progressiva para o passado da forma simples, e por isso mesmo se subtraem ao "paradoxo do imperfectivo". Para estes últimos, a instrução (126) não pode valer.

4.3. Tentemos um balanço dos principais resultados que encontramos ao aplicar as instruções de Dowty aos empregos do progressivo português, anteriormente caracterizados em 1.-3.

A aplicação colocou-nos em face de alguns problemas de caráter técnico:

1. A necessidade (ou não) de postular coincidências entre o mundo real e o mundo

do possível para o segmento de I' que precede I depende do tipo de predicado utilizado, habitual ou semelfactivo; recorreremos à manobra de substituir (126) por uma instrução mais fraca, em que não se especifica nada a propósito desse período; todavia, tivemos que admitir que há maneiras standard pelo quais os falantes conjecturam o que se passou neles, e isso levanta várias questões: 1) se as frases não assertam nada sobre esses períodos, e se por outro lado os falantes os preenchem de maneiras reguladas, que tipo de conteúdo semântico (pressuposições, inferências convidadas, etc.) opera no que diz respeito a esses períodos? 2) que tipo de dependência se estabelece entre a natureza lexical do predicado e essa operação de preenchimento? 3) até que ponto, e de que maneira intervêm, nesse completamente, nosso conhecimento do mundo?

2. Diante do paradoxo do imperfectivo, os achievements não se comportam todos de maneira uniforme: isso mostra antes de mais nada que a categorização de predicados por Vendler, embora simples e de fácil domínio, é insuficientemente pormenorizada. É possível aprofundar as distinções de Vendler de um modo que não seja meramente *ad hoc*? E é garantido que poderemos levar adiante essa tarefa de categorização valendo-nos apenas de informações lexico-semânticas e sintáticas, e não pragmáticas?

A par desses problemas "técnicos", o fato de que, finalmente, adotamos a solução de Dowty em suas linhas gerais coloca-nos diante de um problema de "filosofia da linguagem" ao qual convém estar atentos:

3. no caso mais exhaustivamente examinado por Dowty, o dos accomplishments, explica-se o sentido das frases no progressivo a partir do sentido de frases na forma simples, que, num mundo possível eventualmente distinto do real, descrevem um evento em seu decurso *normal*. Se extrapolarmos essa explicação para outras categorias de predicados, obteremos resultados surpreendentes, por exemplo que é normal um hábito prolongar-se indefinidamente, como que por inércia. Em suma, seria inerente à língua uma concepção do que é típico de cada processo, conforme o predicado que o exprime: os falantes têm o direito de descrever processos que se desenrolam de maneira atípica, mas o esquema *normal* é obrigatoriamente invocado (no caso: num mundo possível parcialmente congruente com o mundo real) na descrição das próprias "transgressões".<sup>10</sup>

Gostaríamos entretanto de registrar a opinião de que nenhum dos problemas aqui enumerados nos parece justificar o abandono das principais noções descritivas utilizadas por Dowty, ou desencorajar a busca de um "sentido básico" das construções progressivas: o confronto entre um mundo real e um mundo possível, ainda que possa causar surpresa aos linguistas mais ortodoxos no nosso meio universitário, justifica, em última análise, a distinção de fases nos processos (é a isso que a tradição

lingüística tem chamado de "aspecto"), na medida em que mostra que é preciso considerar fases para localizar períodos de congruência/não-congruência. Entendemos em suma, e procuramos dar um exemplo disso na última seção, que a investigação na linha de Dowty, eventualmente com alguns desvios, deve continuar.

Para fechar a exposição com uma metáfora batida, pensamos, em outras palavras, que a investigação conduzida até aqui nos permitiu avançar o suficiente para que possamos vislumbrar mais claramente alguns dos principais problemas e diretrizes de solução na compreensão dos progressivos. Equacionar esses problemas e testar essas diretrizes é, ainda, uma longa caminhada; dar-nos-emos por satisfeitos se os que nos leram encontrarem nesta exposição um mapa (artesanal, não necessariamente exato) do terreno.

#### NOTAS:

1. O grande número de flexões em que se emprega *estar-NDO* contrasta claramente com um número mais limitado em outras línguas românicas das construções que se propõem como equivalentes na tradição de ensino, cp.
  - (1) Tenho estado correndo  
+ Sono stato correndo  
+ j'ai été en train de courir
2. A terminologia elaborada na bibliografia sobre aspecto e, em particular, a oposição que nela se estabelece entre *perfectivo* e *imperfectivo* contribuem para conceitualizar a distinção. O progressivo, forma tipicamente imperfectiva, faz referência a uma fase intermediária do processo. Daí a sugestão de que o evento descrito pela forma progressiva transborda o momento de fala ou de referência ou - o que dá no mesmo - que o momento de fala ou de referência incide no processo descrito pela forma progressiva; a forma simples, do indicativo presente, tipicamente perfectiva, trataria os eventos como blocos, desprezando sua dinâmica interna. Esses "blocos" não seriam passíveis de caracterizar o esquema de incidências, mas somente de relações cronológicas como a simultaneidade, anterioridade e posterioridade.
3. A questão do que deve ser considerado como evidência suficiente para uma avaliação contingente, para uma propriedade temporária, ou para uma caracterização definitiva é certamente mais complicada do que acabamos de sugerir, e sofre com certeza uma grande variação intersubjetiva, além de variar em função dos objetivos do discurso. Assim, um interlocutor interessado em concluir que A é descuidado poderia perfeitamente responder à primeira réplica de (99a.) "Você é mesmo um descuidado!".
4. Exemplos de frases tipicamente usadas em cada um dos três empregos são:



- (1) O elefante africano chegou de navio.
- (2) O elefante africano vive na Rodésia.
- (3) O elefante africano é um mamífero.

A distinção dos três usos - é o caso de lembrar - justifica-se porquanto aos diferentes empregos correspondem diferenças no procedimento pelo qual se determina a verdade ou falsidade da oração: a verdade de (1), com sujeito tomado referencialmente, está condicionada a que os fatos confirmem que o predicado se aplica ao indivíduo particular que foi singularizado pela expressão "o elefante africano"; a verdade de (2), com sujeito entendido não-categorialmente, está condicionada à constatação factual de que um número expressivo de elefantes com características típicas de elefante africano vivem na Rodésia; a verdade de (3), com sujeito entendido categorialmente depende de que a oração explicitamente o esquema categorial que subjaz à nossa língua; seria ocioso procurar no mundo se os elefantes são mamíferos: qualquer animal com características de elefante que não fosse mamífero não seria um elefante.

5. Já foi apontado em outras circunstâncias que *quase* é um operador particularmente sensível à estrutura sintático-semântica das expressões em que ocorre. Por exemplo, Mary Kato mostrou que

- (1) Pedro quase matou Maria com a espingarda de caça

poderia ser o relato de duas situações bastante distintas: 1) Pedro, ao manipular a espingarda de caça dispara um tiro que poderia ter morto Maria, mas que passa a um palmo de sua cabeça. 2) Pedro, ao manipular a espingarda de caça dispara um tiro que fere Maria com gravidade, mas não de modo fatal. Essa ambigüidade é explicada com base numa hipótese que apresenta *matar* como verbo causativo, equivalente grosso modo a "fazer morrer": as duas situações descritas corresponderiam a descrições sintático-semânticas como

- (2) Pedro (quase-fez (Maria Morre))
- (3) Pedro fez (Maria (quase-morre)).

6. A minha entrada na sala 12 pode ser, diga-se de passagem, o motivo pelo qual a cõpia não prossegue, o motivo pelo qual os eventos não tem um curso "normal". Considerem-se os objetivos com que seria provavelmente pronunciada esta frase:

- (1) O Corinthians estava ganhando quando o jogo foi interrompido por falta de luz nos refletores. Ao voltar a energia, o time estava frio e perdeu.

7. Confira-se que

- (1) Estou torcendo para o Jabaquara
- (2) Estou morando na rua XYZ

não poderiam normalmente ser ditas para fazer previsões.

8. Note-se que se pode dizer de alguém que agonizou durante uma semana que "levou se te dias para morrer", e que, a cada momento durante esses sete dias caberia afirmar "ele está morrendo".
9. Ao classificar determinado verbo entre os accomplishments, achievements, etc., atemo-nos à classificação de Vendler. Conforme mostramos em 2.2., essa classificação é baseada numa série de testes que o próprio leitor poderá aplicar a título de confirmação.
10. É provavelmente a fatos como esses que Emmon Bach se refere quando fala num trabalho em elaboração (agosto de 1981) de uma metafísica implícita na linguagem.

---

REFERÊNCIAS:

- BACH, E. (1981) "Grammar and metaphysics" (1ª E.I.F.L., Campinas 1981)
- BIERWISCH, M. (1971) "On classifying semantic features", in STEINBERG & JACOBOWITZ.
- BONOMI, A. (1972) *Le vie del riferimento*. Bompiani.
- COMRIE, B. (1976) *Aspect*. Cambridge U.P.
- DONNELLAN, K. (1966) "Reference and definite descriptions", *Philosophical Review*, 75.
- DOWTY, D. "Toward a semantic analysis of verb aspect and the English 'imperfective ' progressive". *Linguistics and Philosophy*.
- FILLMORE, CH. (1971) "Types of lexical information". In: STEINBERG & JACOBOWITZ.
- HALLIDAY & HASAN (1973) *Cohesion in spoken written English*. Longmans.
- KATO, M. (1976), *Comunicação Pessoal*.
- LEECH, G. (1971) *Meaning and the English verb*. Longman.
- REICHENBACH, H. (1947) *Introduction to symbolic logic*. Macmillan.
- SCHMITZ, J. (a sair) "The Progressive Construction and Stativity in Brazilian Portuguese" (mimeografado: PUC-São Paulo).
- STEINBERG & JACOBOWITZ, *Semantics*, Cambridge U.P.
- VENDLER, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy*. Cornell U.P.